

Deambulação pelo espaço / Tempo do 25 de Abril

Introdução

1. O acto fundador, desvio em relação à
2. <sup>Aj. tura exacta de</sup> ~~historia da~~ <sup>de história</sup> ~~indiv. e colectiva~~ <sup>norma</sup>
3. À procura do texto fundador
4. O espaço do acto e do texto

+ 2 textos n - utilizados

Fundação Cuidar o Futuro



Colóquio "Revista Crítica de Ciências Sociais"
"PORTUGAL 1974-1984 Dez Anos de Transformação Social"
Lámbea: 709/12/84



No termo destes dias penso q̄  
só podemos fazer aquilo q̄ José Sara-  
magão faz ao Ricardo Reis - nosso roto-  
-nosso per colectivo e infinito/dis-  
perso pelas ruas de uma pequena  
parcela de Lisboa; só podemos andar  
atrás das experiências,  
ideias e conceitos,

do q̄ foi realmente e do q̄, ao  
mesmo tempo, estava sendo per  
q̄ ooubéssemos,

numa deambulação entre

por <sup>lado,</sup> o experimentado real e testemunhável  
(fois nad estamos aqui todos p̄ dizer  
o q̄ vivemos)

o ainda nad-realizado q̄ nos fustiga  
e nos empurra, como um destino  
q̄ abernos ter de cumprir.

Nad me recuso a essa condição  
de nossa. E por isso vou H., durante  
estes minutos, deambular ...  
deambular no espaço/tempo de 25 de  
Abril.

## IV. O 25 de Abril como acto cultural

### 1. O desvio ~~de~~ em relação à norma

Falemos do 25 de Abril como acto cultural. Acto fundador de histórias possíveis. Mas, porque acto histórico fundador, foi acontecimento, irregularidade, perturbação, quebra do previsível,  
desvio em relação à norma.

A sua possibilidade de inovação estava aí contida, nessa margem de desvio onde se insere toda a criação estética, científica, Social e política.



A persistência e q̄ e usamos o 25 de Abril tem menos a ver, ao menos p<sup>o</sup> mim, com um q̄ caudorismo, do q̄ com a vaga intuição de q̄ talvez, talvez, essa margem de desvio se não tenha fechado. q̄ ela se deitar a rot

É q̄ esse desvio faz - fez - medo.  
 Nos 1.º anos q̄ seguiram o 25 de Abril  
 viram ~~alguns~~ <sup>alguns</sup> mais o desvio do  
 q̄ a potencialidade de inovação.  
 E por isso ~~carregaram~~ <sup>encheram</sup> a margem  
 q̄ estava livre <sup>de carregar o novo,</sup> de dogmas e de  
 anátemas; Mas havia outros q̄  
 se sentiam nessa margem, q̄  
 a sabiam potencialidade do q̄  
 chamavam a "via original"! Q̄  
 lhe fizeram, a essa via original?  
 Q̄ lhe fizemos?



Fundação Cuidar o Futuro

~~Até longo destes 10 anos~~  
 q̄ está por fazer nosso grande erro  
 não é de nos enganarmos na  
 distribuição não é o de deixarmos  
 q̄ as finanças conduzam a eco-  
 nomia e esta a produção, a edu-  
 cação, a política social, a cultura,  
 as relações externas. Esse erro já  
 é grande e perado. Mas há outro  
 maior. O de não termos sido  
 capazes de carrear a cultura nessa  
 margem de desvio. <sup>-Programas de trabalho</sup>  
 em q̄ a cultura não  
 é o integral globalizado.

Trabalharam escritores, artistas, pen-  
sadores. Mas mercê da inércia cul-  
tural dos principais actores da vida  
política, a margem de desvio foi-se  
fechando até q̄ nela ~~se~~ ficou a rotina.

~~Se algum~~ Para quando o por-  
~~taamento q̄~~ Porque de cultura se  
trata-se de <sup>saber e compreender</sup> ~~entendi-mentos~~ do modo  
como se geram as novas realidades:  
na investigaç científica, na criaç  
estética, na intervenção social e  
política. Homens e mulheres do  
nosso tempo, não podemos igno-  
rar q̄ os afarentes desvios do  
novo são os saltos quânticos  
necessários para uma maior  
energia, afarentes roturas de  
um continuum q̄ de outro  
modo só poderia conduzir  
à repetição cíclica.

É isso tem q̄ ver c/ a premência da  
trabalho científico e do seu rigor; c/ a  
intepretaç do mundo dentro de nós e nós  
dentro dele.



## 2. Historicidade de ind. e colectiva

Como facto histórico, a projec-  
tar-se real ou fantasmaticamente nos  
comportamentos,  
a tornar-se 'ele próprio um mito,  
o 25 de Abril modificou as con-  
dições da historicidade individual  
e colectiva.



Os sobressaltos da pequena  
história passaram a fazer parte do  
quotidiano colectivo.

E a tão afirmada estabilidade política,  
inscrevendo-se num palco de  
guerrilhas e querelas q̄ põem em  
causa a estabilidade pessoal ~~mas~~  
no q̄ respeito às condições de vida,  
de <sup>educação, de informação,</sup> ~~existência~~, de trabalho, de hábitos,  
de saúde, essa estabilidade  
política passou a ser sentida  
como permanente instabilidade.

A situação paradoxal a  
q̄ vivemos. Por um lado: "Tudo  
mudou". E por outro "Nada mudou."  
(na escola, na cidade ...)

Por isso, o tempo q̄ vivemos é aiudat<sup>7</sup>  
um tempo "auspenseo":

os "novos modos de vida" trazem  
consigo as hesitações, os avanços e  
recuos do inacabado e do provisório.

~~Não q̄ estejamos à procura de  
um mito de permanência; mas~~

Não são parte de uma global-  
idade mas fragmentos de q̄ se  
tem chamado "revoluções mi-  
nisculas". Só temos instantâneos  
de muitos momentos, de muitos  
casos. Não temos o elemento in-  
tegrador de ~~to~~ momentos e casos.

É um imenso trabalho  
cultural esse.

Porque é, e ~~é~~ o trabalho  
de cada um sobre a  
sua pr história e realidade.

É é, ao mesmo tempo,  
o trabalho de todos sobre uma  
realidade social q̄ não podemos  
hesitar e classificar of Noviu,





de Beauregard e toda a escola de Palo Alto,  
como o de uma sociedade de híper-  
-complexidade. <sup>(Aldeia, gossip)</sup> ~~estas~~ Sociedades  
em q co-existem sistemas e sub-sis-  
temas mas em q não basta já a  
confiança na auto-organização.

~~Por~~ E nós q mal abordamos a inter-  
pretação sistémica da realidade já  
ao vemos a braços com uma outra  
interpretação q sem negar aquela, a  
ultrapassa. Noutros termos <sup>-normalizámos</sup>  
<sup>- racionalizámos</sup> ~~depois do~~ <sup>do</sup> ~~lucro~~ <sup>do</sup> ~~cartesiano~~ <sup>linear;</sup>  
~~avermos~~ a lógica da dialéctica;  
- humanizámos a organicidade  
das estruturas sistémicas <sup>biológicas / físicas / soci-</sup>;  
e ainda não encontramos o factor  
parcial / exógeno à sociedade (ou  
catalizador?) q nela introduza  
um princípio de organização.

E não será esse factor o simplex  
factor? ~~por~~ Não a globalidade, não o  
grande projecto, mas o q nos é  
imediatz / acessível. Porq a identidade  
no virá da nossa act - seremos  
o q formos fazendo.



Catherine Clément <sup>Allegor</sup> escreveu há poucos <sup>9</sup> anos q̄ "a intervenção na história só se pode dar na junção exacta onde se encontram a n/história pessoal e a história da sociedade q̄ pertencemos".

O q̄ talvez ~~tenha~~ seja outra maneira de dizer q̄ o h é de facto, sujeito da história, não por intervenções voluntaristas ~~de~~ ~~alguém~~ q̄ ~~for~~ atrás dos bastidores puxando os cordões das marionettes da história mas

~~por~~ por imersão da grande história na sua história e pela descida ao fundo desse mundo único q̄ é a sua história.

E não será isto q̄ Alain Tomaine quer dizer, no seu último ensaio de sociologia, a q̄ dá, sem esforço, o título de "O regresso do actor"? (Actor

Emílio Pedro (per abelo)

### J. Onde está o texto fundador?

10

Regresso do actor p<sup>o</sup> fazer a sua história e p<sup>o</sup> fazer a história. Com q<sup>u</sup> legitimidade? Mas como saber se é a história que se é o q<sup>ue</sup> permanece e dura do passado histórico q<sup>ue</sup> se vai construir?

Tocamos aqui numa dificuldade grande. É q<sup>ue</sup> o actor fundador, p<sup>o</sup> ser dúctil, tem de ser acompanhado de texto fundador. Não o foi no 25 de Abril. Não podia ser o Programa do MFA, e a sua ambiguidade, depois t<sup>ão</sup> habilmente explorada, relativa à impossibilidade das "reformas de fundo", não podia ser esse programa o texto fundador.

Foi substituído pela multiplicidade das vozes q<sup>ue</sup> se fizeram ouvir, não-silenci-



11  
zadas, portadoras já cegas de uma  
fragmentação insustentável paralizante.

As palavras cefraram,  
pelo seu empolamento e inadequada  
utilização, uma espantosa deriva  
sociológica. Deixaram de significar  
o q̄ enunciavam.

As lógicas pessoais cegas, assim,  
profundamente afectadas, ao descobri-  
rem-se verbalizadas por palavras  
q̄ já não exprimem a matriz  
semântica e cultural inicial.

~~O comportamento deixam de s.~~

Entre as palavras e os actos  
há uma distância de anos-luz.  
Há palavras q̄ nunca cegos actos.  
~~H. O q̄ se diz nada (q̄ é feito de~~  
tantas promessas eleitorais, p.ex.?)  
O q̄ se diz nada tem q̄ ver  
c/ o q̄ se faz.

Tudo é remetido para um  
sujeito indefinido, etz ha  
propriedade a dois mitos iguais/



perigosos: o mito do bode expiatório<sup>12</sup>  
o mito do salvador messiânico,

A palavra, ao deixar de significar  
o q̄ contém, quebrou o valor do diá-  
logo; instaurou-se o reino do monó-  
logo de q̄ os comunicados (e alfonsos,  
~~comunicafes televisivas~~) são a  
expressão acabada.

Q̄ fazer entrar, p̄ q̄ "permanença  
o q̄ tem razões p̄ recomeçar"?

Pergunto-me se tudo o q̄ foi  
dito nestes 10 anos, se todas as  
palavras não são o começo de  
um texto fundador q̄ este povo q̄ somos  
co' agora estaria em condições  
de começar a ~~dizer~~ escrever...

Pergunto-me se não nos encami-  
nhamos para um momento da  
nossa História colectiva em q̄  
teremos de nos congregar a  
volta das palavras (na sua  
pureza original e dizer as  
palavras q̄ q̄ se constrói o ~~mundo~~  
quotidiano.



Pergunto-me se não é urgente <sup>13</sup>  
q̄ o texto fundador vá sendo cal-  
deado pela palavra dos escritores,  
pelas palavras de todos os ts e  
ms simples no seu dia-a-dia,  
pela elaboração cuidada de um  
discurso coerente nas colunas  
técnicas a inventar.

Não será necessário um texto  
fundador q̄ caminhe para o  
diálogo e seja ele já etapa de  
diálogo? Não é esse o processo  
inadiável, a encetar?

Fundação Cuidar o Futuro

Será possível iliciar o texto nodento,  
q̄ nos liberte de não-eficácia e do senti-  
mento de vergonha e de culpa pelo não  
realizado? O q̄ ouvimos hoje aqui  
anuncia-nos q̄ o texto fundador está a  
ser escrito. Não andássemos nós ts  
distraindo e o texto impor-se-ia.  
E acredito q̄ a Lidia Jorge q̄  
o texto fundador pode ser poesia.



#### 4. O espaço do texto e do acto

74

O acto fundador do 25 de Abril  
não se deu apenas <sup>no território de</sup> em Portugal.  
Modificou o espaço em q̄ eucriávamos  
Portugal. Tornou-nos rectângulo europeu,  
~~debruçado~~ regressado do mar e sem  
saber p: q̄ mundos partir.

Perdido o império, q̄ ficou de nós?  
Onde a identidade, <sup>burca?</sup> os pontos de refer-  
ência? os pontos de referência já  
não podem ser medidos pela  
brússola e pelo sextante.

Uma nova relação com o espaço  
é-nos exigida. Espaço + reduzido  
p: o conceito de naç q̄ nos havia sido  
dado. E logo, correlativa/, novas  
normas de convivência,  
novas expressões de vida em sociedade,  
ainda por descobrir.

Falamos de nós como <sup>de</sup>  
uma "dispersão portuguesa" pelo  
mundo. Os n/ escritores (os  
profetas no meio de nós) dizem-nos  
andando sempre, "tudo a ir  
p: todo o lado", sempre no cas' a  
esfera de partir "...".



Descer ao fundo da terra ..... e não<sup>15</sup>  
o fruto da moda os grupos arqueológi-  
cos, a descoberta e identificação de cada local,  
de cada região...

Cuidar da terra q̄ é nossa ... não no  
caudosismo de um equilíbrio natural  
q̄ nem nós <sup>mesmo</sup> conhecemos mas no  
dinamismo de um <sup>novo</sup> ambiente  
rural e urbano, de planície e  
de montanha em q̄ os rios ainda  
sejam rios e as árvores deixem de  
se reduzir todas à ~~destinação~~<sup>monotoniz</sup>  
uniforme de eucaliptos...

~~Sobretudo~~ E, ao mesmo tempo,  
estabelecer os laços e as pontes  
e todos os povos q̄ nos permitem  
retomar, em termos do hoje, as  
rotas q̄ há 4 ou 5 séculos percor-  
remos. - - - - -





Volto à n - epopeia...

"Querer pelo desejo o q̄ sabe  
Nãõ poder querer pela vontade".

Nãõ. Haute o desejo.

E querer também pela vontade.  
Nãõ ser espectador, mas actor de  
história.

Fundação Cuidar o Futuro

